

PAULO CÉSAR DE OLIVEIRA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Hora das eleições. Hora de pensar

Esta eleição pode — e precisa — marcar o fim de um período na política brasileira. O Brasil precisa mudar e Minas especialmente. Há uma total carência de lideranças políticas no país — repito em Minas em especial — e os que estão por aí dizendo que são líderes são apenas fruto das redes sociais e em alguns casos, do radicalismo que tomou conta de nossa vida política. Nem mesmo Lula que um dia pousou de líder pode mais ser visto assim. É apenas o que sobrou de um tempo de disputas políticas que buscavam tirar o país das mãos dos militares e construir a democracia. Hoje lidera por ser o único remanescente de uma luta política real. Hoje não temos mais esta situação. Agora, para sustentar a radicalização entre grupos, falam em disputa da direita contra a esquerda. Mas o que é direita, o que é esquerda no país?

Vamos ampliar o campo de visão. O que é direita e esquerda num mundo dominado pelos interesses econômicos e radicalismos por conveniência. Em Minas, um estado que diziam politizado, vive-se um período de

perplexidade política. A uma semana do início do prazo para a realização das convenções, a maioria dos partidos ainda não sabem se terão candidatos ou, mais grave, se farão e com quem farão alianças para as disputas estadual e nacional. Os ditos principais candidatos à presidência da República — um da dita direita, outro da dita esquerda — não conseguiram ainda estabelecer seus palanques no estado por não existirem candidaturas viáveis em seus partidos. E por dificuldades em articular apoios de outros partidos num ambiente mais parecido com um mercado de negócios do que de identidade de propostas políticas. E estamos a menos de três meses da disputa nas urnas e a uma semana do início das convenções, quando candidaturas e coligações precisam estar definidas.

O quadro atual, lamentavelmente, nos sinaliza dificuldades para os eleitos e de negociações futuras. O eleitor precisa se conscientizar de que cabe a ele mudar esta situação. Cabe a ele ter consciência nas urnas e não se deixar influenciar por redes sociais e não usar seu voto para homenagear atores, cantores, locutores, influencers e outras figuras populares. Voto é coisa séria. Ele pode mudar sua vida.

MURILO KARASINSKI E PATRICIA SARDETO

Professores da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

Re(pensar) a educação na era da IA

Pensar leva tempo e tempo é o que menos temos. Parece que quanto mais a tecnologia avança e promete trazer ganho de eficiência em nossas vidas, mais atarefados estamos. Entramos em um ciclo nada virtuoso, que pode nos tornar meros “replicadores”.

Esse caminho é particularmente perigoso quando se trata da educação e é por isso que o avanço das tecnologias, em especial a Inteligência Artificial e agora a Inteligência Artificial Generativa, deve provocar em nós, educadores, o desejo de pensar a educação.

Por exemplo, a premissa socrática de que uma vida irrefletida não valeria a pena ser vivida é desafiada pelo contexto da aceleração contemporânea. Em um cenário onde frequentemente não conseguimos avaliar as melhores alternativas, considerar diferentes perspectivas ou nos permitir um repensar genuíno, como podemos esperar que as manifestações - positivas ou negativas -, da Inteligência Artificial sejam debatidas de maneira sensata e profunda?

Evidente que essa situação não se restringe à Inteligência Artificial. No contexto de uma civilização do espetáculo, como descreve Mario Vargas Llosa - onde todos nos consideramos cultos, mesmo sem jamais termos lido um livro, visitado uma exposição, assistido a um concerto ou adquirido noções fundamentais de conhecimento humanístico, científico e tecnológico -, o reforço dopaminérgico promovido por smartphones e redes sociais reforça a diluição da figura do indivíduo reflexivo. Aquele que se dedica a um problema, concentra-se profundamente e se dispõe a investigar os “porquês” das coisas torna-se uma raridade. Aparentemente,

a sociedade contemporânea se afasta cada vez mais do ideal kantiano de “ousar pensar”, substituindo-o por uma superficialidade alimentada pelo fluxo incessante de estímulos imediatos.

E nessa jornada a metacognição é etapa fundamental. A metacognição nos possibilita investigar e monitorar os processos cognitivos e trabalhar na sua auto-regulação. Questionar quais são os caminhos que podemos utilizar, os métodos mais eficientes para determinadas áreas, como a neurociência explica certos fenômenos relacionados à aquisição do conhecimento, como a fisiologia humana interfere, como o estado emocional inibe ou promove o conhecimento, como a Inteligência Artificial vem atuando nos processos de aprendizagem e quais mudanças estão ocorrendo e podem ocorrer...enfim, como o ser humano conhece o conhecer e como se conduz diante desse conhecimento.

Humberto Maturana e Francisco Varela, na obra clássica “A árvore do conhecimento” - sem falar em metacognição, mas trazendo a noção de reflexão -, destacam que a reflexão é “um processo de conhecer o conhecer, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão afilados e tão tênues quanto os nossos”.

Feito o percurso da metacognição, a reflexão vem lapidar esses diversos saberes que se encontram postos, precisando apenas de tempo...tempo para uma conversa na sala dos professores, para uma oficina temática, para um encontro mensal de formação, para um café ou vinho filosófico.

Uma reflexão responsável, crítica e comprometida com o ser humano naturalmente conduz a uma ação consciente, autorregulada e efetiva e nos dá suporte para seguir educando nesse mundo de tantas novidades e incertezas.

KAREN MARCONATO

Psicopedagoga especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA

Matrícula não basta: o desafio de garantir inclusão respeitosa e eficiente para autistas nas escolas

Discussões sobre a urgência de uma inclusão escolar respeitosa e eficiente de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas brasileiras têm ganhado cada vez mais as redes sociais e, inclusive, espaços na imprensa. Casos recentes compartilhados por famílias em diferentes regiões do país evidenciam a necessidade de preparar escolas e profissionais para acolher esses estudantes de forma segura e de fato inclusiva.

Nos últimos anos, as famílias passaram a ter mais acesso à informação, compreender melhor os direitos de seus filhos e reconhecer situações que antes eram frequentemente minimizadas ou tratadas como algo normal dentro do ambiente escolar. Como resultado, comportamentos inadequados, práticas excludentes e diferentes formas de violência passaram a ser mais identificados e debatidos. Esse movimento representa um avanço importante, não apenas para a proteção das crianças autistas, mas também para a construção de uma cultura educacional inclusiva e consciente.

Garantir a presença da criança na sala de aula é o primeiro passo, mas a inclusão exige que a escola esteja preparada para acolher diferentes formas de aprender, se comunicar e interagir com o mundo. Isso envolve conhecimento técnico, planejamento pedagógico, recursos adequados e uma atuação sensível às necessidades individuais de cada aluno. Quando esses elementos não estão presentes, os desafios da inclusão tendem a se tornar maiores tanto para os estudantes quanto para os educadores.

Quando falamos de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental reconhecer que comportamentos considerados desafiadores, na verdade, representam formas de comunicação. Dificuldades na interação social, na flexibilidade diante de mudanças ou na regulação emocional não podem ser interpretadas como desobediência ou falta de limites. Esses comportamentos sinalizam ne-

cessidades, desconfortos ou dificuldades que precisam ser compreendidos por meio de estratégias adequadas e intervenções baseadas em evidências.

É por isso que a formação continuada dos profissionais da educação é fundamental. Professores, coordenadores, gestores e demais profissionais da comunidade escolar precisam desenvolver competências para compreender diferentes perfis de aprendizagem e adotar práticas que favoreçam a participação de todos os alunos. A escola que as crianças e adolescentes com TEA precisam e devem ter é aquela que enxerga a diversidade como parte natural do processo educativo.

Entre as ferramentas mais importantes está a adaptação curricular, que ajusta estratégias, materiais e formas de avaliação para garantir o acesso efetivo à aprendizagem e à participação escolar. Quando as adaptações são planejadas de forma adequada, os alunos demonstram maior engajamento, motivação e avanços na aprendizagem. Além disso, observamos o fortalecimento da autoestima, da autonomia e das habilidades sociais, favorecendo o sentimento de pertencimento e a participação ativa no ambiente escolar.

É importante destacar que a inclusão não é responsabilidade de um único profissional. Ela depende do envolvimento de toda a comunidade escolar, das famílias e dos profissionais especializados. É preciso criar espaços permanentes de orientação, acompanhamento e troca de experiências, garantindo que os educadores tenham suporte para enfrentar os desafios que surgem na prática cotidiana.

Uma sociedade inclusiva começa dentro da escola. E uma escola inclusiva só é possível quando seus profissionais recebem o suporte, o conhecimento e os recursos necessários para transformar o respeito às diferenças em ações concretas no dia a dia. O desafio é coletivo, mas os benefícios alcançam toda a comunidade e contribuem para a formação de cidadãos mais empáticos, conscientes e preparados para conviver com a diversidade.